

Ir à rua para conversar com pessoas

Oswaldo Ferreira Leite Netto,¹ São Paulo

Resumo: O autor, a partir da evocação da experiência que conduziu no Centro Cultural São Paulo há quase vinte anos, faz considerações sobre a importância de o psicanalista alcançar outros territórios, se aproximar e se expor à diversidade dos habitantes da metrópole, reafirmando a potência da psicanálise e garantindo sua vitalidade.

Palavras-chave: psicanálise, psiquiatria, saúde mental, alcance social, diversidade

O lugar

Há em São Paulo um espaço muito especial, localizado em pleno espigão da avenida Paulista, que divide a cidade nos dois vales em que se desenvolveu, o vale do rio Pinheiros, ao sul, e o vale do rio Tietê, ao norte: é o Centro Cultural São Paulo.

Trata-se de uma instituição pública subordinada à Secretaria Municipal de Cultura do município de São Paulo que reúne a Pinacoteca Municipal, a discoteca Oneyda Alvarenga, a coleção da Missão de Pesquisas de Mário de Andrade, um conjunto de biblioteca, espaços expositivos, espaços para cursos diversos, teatro e cinema. É visto como um dos principais espaços culturais da cidade e uma das primeiras instituições de São Paulo a ser considerada *centro cultural*, na plena acepção do termo – um dos primeiros espaços culturais multidisciplinares do país.

Inaugurado em 1982, o Centro Cultural São Paulo é um equipamento público de cultura e convívio. Com muitas atividades, de concertos a shows de música popular, espetáculos de ballet clássico e exposições de arte, atrai um público bem diversificado, que frequenta sua biblioteca, de horário mais amplo que as demais bibliotecas municipais. Pessoas aposentadas, solitárias, que habitam o centro da cidade e as proximidades, vêm ler jornais e revistas, ouvir música na discoteca, encontrar amigos, conhecer pessoas. Jovens estudantes encontram lugar para estudar e estar com amigos. Há grupos de *street dance* que ensaiam e exibem seus talentos, e pessoas que jogam xadrez nas diversas mesas com tabuleiros distribuídos nas dependências. O lugar é aberto,

1 Membro efetivo da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP) e professor do Instituto da SBPSP. Psiquiatra. Diretor do Serviço de Psicoterapia do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (HC-FMUSP).

o projeto integra-se a uma estação do metrô, o acesso é fácil, e se manteve até mesmo uma área preservada da vegetação natural, Mata Atlântica, original. Há um solário onde – em espreguiçadeiras – pode-se tomar banho de sol. Ilha humanizada, cuja frequência é uma amostra de nossa população urbana, de diversos níveis e de diversos segmentos.

O projeto

A Associação dos Amigos do Centro Cultural São Paulo (AACCSP), fundada em 1998, de direito privado e sem fins lucrativos, tem por objetivo contribuir para a sustentabilidade e longevidade das ações desenvolvidas pelo Centro Cultural São Paulo, viabilizando o apoio da iniciativa privada por meio de patrocínios, projetos e parcerias.

Leopold Nosek, nosso colega, ocupou a presidência da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP) de 2003 a 2013, período em que me procurou, enquanto diretor de Atendimento à Comunidade da SBPSP, com a ideia de fazermos algo semelhante ao que a Sociedade de Psicodrama oferecia no Centro Cultural São Paulo.

Em 2000, elegeu-se prefeita de São Paulo, cargo que ocupou até 2005, Marta Suplicy, também psicanalista, afastada de nossa instituição para atender as demandas de sua atuação na política. Durante seu mandato e em colaboração com a Sociedade de Psicodrama de São Paulo, instalaram-se no Centro Cultural sessões semanais de psicodrama público, com a direção de todos os profissionais da Sociedade de Psicodrama, implicados em rodízio, semanalmente aos sábados pela manhã, sempre mobilizando e interessando diferentes frequentadores.

Inspirados por essa atividade e convictos de nossa peculiar possibilidade e habilidade na escuta das subjetividades, criamos há 15 anos o Converse com o Psicanalista, que acontecia uma vez na semana. Por quase dois anos, semanalmente, às sextas-feiras, cobrindo o horário das 12h às 17h, um grupo de profissionais se revezava, conversando por alguns minutos (15 no máximo) com os frequentadores do Centro. Pouco tempo depois, para termos alguma organização, os interessados passaram a se inscrever com funcionários do Centro disponibilizados para isso, que também distribuíam uma filipeta com o nome da atividade e uma breve informação sobre a natureza dessa prática clínica.

Instalávamo-nos em duas poltronas do Centro Cultural, que eram a cada semana colocadas em algum lugar – ou nos terraços, ou na galeria de exposições, ou em outro local, não isolado, mas menos agitado. Uma verdadeira “instalação”, como chamou Leo Nosek, ou happening.

A experiência

Não esqueço o primeiro atendimento que fiz. Instalado numa poltrona, ofereci a outra, que dispusemos em frente, a uma jovem mulher, negra, que ao receber a filipeta em que apenas informávamos que éramos psicanalistas da SBPSP, profissionais que nos ocupávamos das questões da vida emocional, observou: “É disso que eu preciso, alguém que me escute”.

Contou que era professora primária, de escola pública, e que viera, junto com outras professoras, apresentar ao grupo de alunos da periferia em que viviam o centro da cidade: o Teatro Municipal, o viaduto do Chá, a catedral da Sé. Como ficaram com o resto do dia livre, suas colegas foram ao Shopping Light. Ela se lembrou do Centro Cultural e foi até lá: sempre há algo acontecendo, talvez ouvir música, ouvir alguma coisa. Passou a me contar que estava muito angustiada, que se sentia muito realizada com sua função, mas a mãe insistia que ela procurasse um trabalho que lhe possibilitasse, por exemplo, ter um carro... Eu apenas autorizei esse questionamento, a permissão para seguir o seu desejo! Iluminou-se, agradecida, animada, transformada. Foram poucos minutos de conversa em um encontro de grande qualidade de trocas entre nós.

Houve inúmeras situações vividas por todos nós. Foi entusiasmante para nós, que participávamos, e surpreendente, já que, a despeito de ser um espaço privado, isolado, sem maiores informações de nossa parte, apenas a evidente disposição em escutar, estabelecia-se um vínculo com as características e possibilidades operacionais de uma escuta analítica.

Exercendo correspondentemente abertura e disponibilidade, apoiados na atenção flutuante, um setting se constituía, observações eram dirigidas aos atendidos, que percebíamos como úteis, enriquecedoras e propiciadoras de algum insight. Podíamos notar interesse ou demandas mais explícitas de atendimento sistemático e constante, que oferecíamos indicando ou serviços públicos como o que dirijo no Instituto de Psiquiatria da Universidade de São Paulo (o Serviço de Psicoterapia), ou o Centro de Atendimento Psicanalítico (CAP) da SBPSP ou os Centros de Atenção Psicossocial (Caps).

Os desdobramentos

A partir dessa experiência, que pudemos bancar com coragem e ousadia no âmbito da instituição resistente, conservadora, vários desdobramentos têm sido possíveis, com muitos de nós envolvidos em projetos mais abrangentes, que atingem territórios na cidade nos quais indivíduos apresentam demandas analíticas que são atendidas, fora dos padrões ditos tradicionais, clássicos.

O grupo no Centro Cultural São Paulo propiciou e facilitou desencastelamentos. Colegas que nem a cidade conheciam direito, que nunca haviam andado por ela, tomado o metrô, o fizeram, assustando-se menos. Contribuição que considere essencial como formativa de sujeitos “psicanalíticos” mais bem preparados para o exercício dessa forma radicalmente diferente de outros auxílios psicológicos. E o conhecimento de realidades subjetivas de pessoas solitárias, vivendo na metrópole, com formas de gratificação erótica e pessoal muito diferentes das realidades de colegas psicanalistas, que mal podiam acreditar que se vivesse assim, sem parcerias heterossexuais, por exemplo, sem pertencer a grupos familiares tradicionalmente aceitos. O estranho familiar em toda a sua crueza, pondo à prova e exercitando competências analíticas fundamentais.

Muito aprendizado. Desafio pessoal e institucional. Reações variadas da direção da instituição, à qual eu também pertencia. Havia desconfiança e suspeita: “Isso não é psicanálise”, “Não há privacidade”, “O setting não se constitui”... A constatação e a apropriação pelos participantes da ideia de um setting internalizado foram uma grande aquisição, que tem possibilitado muitas das experiências atualmente mais vivenciadas por diferentes grupos psicanalíticos atuando na metrópole.

Psicanálise combina com movimento, transformação, ampliação de horizontes. Não pode se permitir engessar, aprisionar. A formação, por mais exigente e rigorosa que seja, tem de possibilitar vivências que ampliem os horizontes, o convívio com a diversidade, o desconhecido e a alteridade. O isolamento não nos é favorável nem salutar. Interagir com outros campos do saber é fértil e libertador.

A identificação muito forte com projetos normalizadores ou patologizantes, como é habitual no enfoque médico, não contempla nem permite a verdadeira revolução psicanalítica, epistemológica, que liberta o indivíduo que promove autenticidade dos sujeitos e facilita o convívio com a diversidade.

Comprometido com a transmissão da psicanálise, o sentido e o uso de suas teorias e instrumentos, envolvido com a formação analítica, considero competências a serem adquiridas pelas personalidades interessadas nessa prática: paciência e coragem diante de quem nos procura, e tentar cada vez mais “desobstruir o acesso à tensa experiência do estranho familiar”, na sugestão apropriada de Suely Rolnik (2018).

Ao psicanalista, o isolamento, o elitismo, a distância do social e do político causam incômodo e chamam à ação, à militância psicanalítica. A institucionalização da psicanálise, embora possibilite organização e rigor sobretudo na formação de novos analistas, também burocratiza, através dos procedimentos e exigências curriculares e protocolares, reforçando controles disciplinares. A radicalidade da psicanálise, seu aspecto revolucionário e subversivo quando

focaliza a singularidade e autonomia dos sujeitos, tende a ser sufocada na própria formação como é proposta.

No Congresso Internacional de Psicanálise de 2009, quando nosso colega brasileiro Cláudio Laks Eizirik ocupava a presidência da Associação Psicanalítica Internacional (IPA), e Plínio Montagna era nosso presidente em São Paulo, fui convidado a expor nossa experiência no *Converse com o Psicanalista*. Lembro-me bem, pois fui pego de surpresa, e precisei me expressar em inglês, o que é mais raro na minha prática. Tratava-se de uma reunião pequena, com público restrito, justamente para refletir sobre a importância de as instituições psicanalíticas pensarem em iniciativas para áreas de interesse social, a saúde pública, o alcance de outros territórios pela psicanálise.

Para minha surpresa, que estava temeroso, o resultado foi admiração e reações de apoio e incentivo. E contentamento, ao ouvir dois colegas norte-americanos, um do Canadá e outra dos Estados Unidos. Esta e alguns colegas da sociedade de Washington se instalavam nas escadarias do Lincoln Memorial e se dispunham a escutar pessoas, sem maiores enquadres. O psicanalista canadense ia com um colega a saunas gays e, nesse exótico despojamento, enrolados em toalhas, como se vai a uma sauna, conversavam com frequentadores, com escuta psicanalítica.

Esses testemunhos reforçaram em mim a possibilidade e o alcance de nossas competências, quando abandonamos os enquadres que habitualmente e tradicionalmente adotamos. São úteis, confortáveis, mas não obrigatórios, e não devem ser aprisionadores ou restritivos quando situações especiais, grupos humanos marginalizados ou excluídos podem contar com nossa disponibilidade e acolhimento.

Uma palavra final a respeito de outro campo em que a experiência nos permitiu adentrar e tomar consciência: a questão racial. Surpreendentemente para alguns colegas, conversar com pessoas negras, aproximar-se delas, foi uma novidade estimulante, provocadora – e, considero, necessária, em face do grande débito que temos após quase 400 anos de escravidão!

A trajetória pessoal

Solicitado a evocar a experiência pioneira do que foi o projeto *Converse com o Psicanalista*, farei também algumas considerações pessoais. Para tanto, retomarei alguns pontos de minha trajetória analítica. Sou um psicanalista inserido em determinado contexto sociocultural e político, com visão psicanalítica construída a partir de vivências em duas instituições e da prática privada da psicanálise em consultório.

Médico de formação, especializado em psiquiatria ainda nos anos 70, nos primeiros anos da Faculdade de Medicina, a “peste” – para usar uma metáfora atribuída a Freud a propósito da difusão da psicanálise como um contágio – logo me contaminou. Pessoaalidade nas relações com pacientes e colegas, subjetividades a serem consideradas em sua singularidade quando se trata de pensar o humano, é a marca da atividade clínica, seja ela psicanalítica ou médica.

Gente precisa de gente, gente quer ser levada a sério, acolhida, aceita... desculpada! Esse é o jeito que exerço minha prática clínica, estilo “mão na massa”, e como me insiro na vida social, política, institucional. Voos muito teóricos, conceituais, não me seduzem. Gosto de ir “onde o povo está”, convicto de que ferramentas psicanalíticas nos instrumentalizam para nos aproximar, compreender e ajudar outros seres humanos. Creio que psicanalistas com o objetivo clínico de propiciar desenvolvimento mental e emocional para cada pessoa em sua singularidade, rumo a autonomia, liberdade, convívio responsável e prazeroso com os outros, podem identificar fatores externos e internos que comprometem essa direção, identificar e liberar a pulsionalidade, estimular o convívio criativo com a alteridade.

Permaneço na instituição médica, psiquiátrica, assistencial, de ensino e pesquisa: o Instituto de Psiquiatria do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, onde dirijo o Serviço de Psicoterapia e coordeno um núcleo de psicanálise. Em todos esses anos, nesse lugar privilegiado da interface com a psiquiatria, o ensino e a pesquisa médica, constato que a psicanálise, nascida pelas mãos de um médico, neurologista e pesquisador, Sigmund Freud, não pode abandonar a medicina. A psicanálise nasceu de necessidades médicas, quando a medicina, com seu conhecimento até então acumulado sobre anatomia, fisiopatologia e neurofisiologia, não alcançava uma compreensão de certos fenômenos que propiciasse terapêuticas eficazes para determinados quadros sintomatológicos.

Freud abriu caminho e instalou uma revolução epistemológica, na ciência e na medicina em particular, com a ideia de fenômenos inconscientes e a constatação do papel, até então menosprezado, da sexualidade, submetida à moral repressiva da época. A permanência de psicanalistas no meio médico de ensino, assistência e pesquisa tem sido a garantia de que, sobretudo na prática clínica, o sujeito, a pessoa, as questões singulares de cada um sejam escutados e considerados, tanto no aspecto da compreensão da dinâmica de casos quanto na proposta e mobilização de ações terapêuticas e seu direcionamento – sofisticando e apontando direções mais profundas nas abordagens psicológicas, como fez Pinel, considerado o fundador da especialidade, a psiquiatria (ou, etimologicamente, a medicina da alma), com sua “terapia moral”: o ato pelo qual o espírito vem em auxílio do espírito, em um encontro saudável

de compreensão e restauração; a psiquiatria, nesse seu começo, incluiu como principal instrumento terapêutico as psicoterapias.

Freud foi otimista ao sonhar que a psicanálise seria para a psiquiatria o que a anatomofisiopatologia representa para a medicina, em seu método anatomoclínico, oferecendo bases evidenciáveis para a compreensão da etiologia de quadros mórbidos e indicando direções e métodos terapêuticos.

Não considerou o assombroso desenvolvimento tecnológico, que possibilitou o esmiuçar da anatomia de todas as funções envolvidas nos processos biológicos do organismo, e intervenções espetaculares no corpo com o mínimo de sofrimento e risco de dano físico. A indústria farmacológica não cessa de contribuir com medicamentos cada vez mais eficazes e menos tóxicos no controle de diferentes sintomas. Sintomas que são organizados e descritos, agrupados em diferentes diagnósticos, que levam à aplicação de tratamentos que oferecem respostas rápidas e eficazes no seu alívio.

A psiquiatria se separou da psicanálise e tende a ignorá-la, a não considerar suas contribuições e suas reflexões críticas. Investe em buscar e aperfeiçoar a rapidez e a eficiência com que se ocupa da remoção de sintomas. E tende a universalizar manifestações e queixas, impessoalizando a clínica, ignorando a singularidade dos sujeitos, e menosprezando fatores sociais e econômicos na constituição do sofrimento psíquico particular.

Pertencer a uma instituição comprometida com a universidade, com a formação de pessoas, permite aos psicanalistas participantes propor e levantar questões que podem ter caráter investigativo, científico; visualizar questões abrangentes em termos territoriais, da vida social e política, da saúde pública, da assistência; perceber e levar em conta as circunstâncias nas quais estamos inseridos. Possibilita inserções na vida acadêmica – por exemplo, através de disciplina optativa no currículo médico de introdução à psicanálise e da participação em congressos médicos universitários organizados pelos acadêmicos. E é esse o campo e os objetivos do meu ensino.

Sou membro efetivo da SBPSP e professor em seu instituto, e minha adesão ao método psicanalítico e minha convicção na sua potencialidade e alcance não foram sufocadas nas ações que, junto com colegas, pude propor à instituição.

Lá, enquanto fui diretor de Atendimento à Comunidade, diretoria da qual participei da criação e instalação, enfrentei as dificuldades próprias da instituição. No seu cuidado e preocupação de que a transmissão da psicanálise aos membros em formação não perca o rigor e a excelência, que a ética seja respeitada e cultivada, o conservadorismo, o sobressalto diante de propostas inovadoras e ousadas, se faz sentir – a tendência ao imobilismo. A criação da Diretoria de Atendimento à Comunidade veio na esteira da preocupação nascente com a necessidade de nos vincularmos ao que se chama Terceiro

Setor, de atendermos, enquanto grupo psicanalítico preocupado, demandas assistenciais de grupos menos privilegiados e vulneráveis.

A ideia de uma clínica pública, otimista e entusiasmante, algo incentivado pelo próprio Freud, logo foi abandonada, adquirindo o atendimento criado as características de uma clínica-escola. Na época, quinze anos atrás, houve pouco espaço para expandirmos o alcance social do atendimento psicanalítico. O Centro de Atendimento Psicanalítico foi criado, naquele período, com a pretensão de alcançar e comprometer todo o corpo societário. Mas colegas mais jovens assumiram a Diretoria de Atendimento à Comunidade, e novas experiências foram implementadas, as quais seguem hoje mais abertas e alcançando, por exemplo, o público-alvo dos estudos de gênero, oferecendo atendimento a pessoas que se identifiquem com sexualidades dissidentes, os chamados LGBTQIA+. Psicanalisar é praticar o pensamento e exercer essa função, que é ética, estética, política, crítica... e clínica! É identificar, com cada pessoa, o que obstaculiza a afirmação da vida em sua potência de criação.

O horizonte

Para concluir estas reflexões históricas, devo dizer que essa trajetória continua e frutifica. Meu núcleo de psicanálise no Serviço de Psicoterapia, acompanhado por colegas psicanalistas mais jovens, também ligados à SBPSP, desenvolve um projeto mais potente e mais abrangente, no contexto da instituição pública de ensino, pesquisa e assistência, que é o Converse com o Psicoterapeuta, o qual reforça o que foi intuído e timidamente exercido quase duas décadas atrás, com mais autonomia e menos ingerência institucional. Ali, a potência psicanalítica e a clareza sobre o que fazemos como psicanálise acontecem, não sem ousadia e coragem, no formato de plantões. Um grupo de psicanalistas põe em prática uma ideia de nosso colega Tales Ab'Sáber (2021), do *analista-grupo*. Além disso, temos saído do Instituto de Psiquiatria para conversar com moradores de rua e usuários de drogas, em parceria com outros projetos que se desenvolvem nos territórios, onde seus habitantes são escutados, e a subjetividade é valorizada e cuidada.

Salir a la calle para hablar con la gente

Resumen: El autor, a partir de la evocación de la experiencia que llevó a cabo en el Centro Cultural São Paulo hace casi veinte años, reflexiona sobre la importancia de que el psicoanalista llegue a otros territorios, se acerque y se exponga a la diversidad de los habitantes de la metrópoli, reafirmando el poder del psicoanálisis y garantizando su vitalidad.

Palabras clave: psicoanálisis, psiquiatria, salud mental, alcance social, diversidad

Going out into the streets to talk to people

Abstract: Drawing on his experience at the São Paulo Cultural Center almost twenty years ago, the author reflects on the importance of psychoanalysts reaching out to other territories, getting closer to and exposing themselves to the diversity of the inhabitants of the metropolis, reaffirming the power of psychoanalysis and ensuring its vitality.

Keywords: psychoanalysis, psychiatry, mental health, social outreach, diversity

Aller dans la rue pour discuter avec les gens

Résumé : L'auteur, s'appuyant sur l'expérience qu'il a menée au Centre culturel São Paulo il y a près de vingt ans, réfléchit à l'importance pour le psychanalyste d'aller à la rencontre d'autres territoires, de se rapprocher et de s'exposer à la diversité des habitants de la métropole, réaffirmant ainsi la puissance de la psychanalyse et garantissant sa vitalité.

Mots-clés : psychanalyse, psychiatrie, santé mentale, portée sociale, diversité

Referências

- Ab'Saber, T. (2021). A clínica aberta e o analista-grupo: suas transferências e o comum. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, 24(4), 501-511.
- Rolnik, S. (2018). *Esferas da insurreição: notas para uma vida não cafetinada*. N-1.

Recebido em 23/7/2025, aceito em 4/9/2025

Oswaldo Ferreira Leite Netto
oswnetto@uol.com.br

DOI: 10.69904/0486-641X.v59n3.07